

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda União

código
AIII - F12 - RF

localização
Rodovia RJ-135, distrito-sede

município
Rio das Flores

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
comercial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



fonte: IBGE - Valença

situação e ambiência

A fazenda está localizada a 4 Km da sede do município de Rio das Flores, na estrada para o distrito de Abaracamento, próximo à Serra das Abóboras.



100



101



103

coordenador / data
equipe
histórico / revisão

Tania N. Kashiwakura Oliveira - nov 2007
Ana Vivien L. Bautista, Paulo Ariel Geraldo da C. Dias
Adriano Novaes / Fernando Pozzobon

revisão / data
Alberto Taveira - mar 2008

Devido à topografia do sítio, há três platôs em níveis diferentes, com pequenas escadas de acesso. Foi observada, ainda, a existência de encosta próxima à casa sede, que cria área de sombreamento.

A casa-sede apresenta características de casarão de um pavimento com porão habitável em um trecho paralelo à fachada frontal. À frente e à esquerda, existe uma construção constituída por um bloco retangular coberto por um telhado de quatro águas e alpendre, provavelmente um remanescente da antiga senzala. Em frente à essa edificação, existia o terreiro de secagem do café, hoje coberto por um gramado com detalhe de piso em pedra. Não é possível uma leitura correta da configuração da área de trabalho para a produção do café. Assim, baseado nessas observações, não se pode afirmar que o tipo de ocupação predominante, em que a casa sede “*fechava um dos lados de um grande espaço quadrangular em torno do qual agrupavam-se também dependências – senzala, a tulha, engenho e as oficinas*”¹, foi adotado como modelo.

¹.Miranda, A. R., Czajkowski, J. *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



01



69



70



104

De acordo com a análise arquitetônica das casas-sede divididas em cinco categorias, extraída do livro *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, de autoria de Alcides da Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, a Fazenda União se enquadra no quinto tipo, “o casarão de um só pavimento, ou de um pavimento sobre porão alto. Sua principal característica, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Em alguns casos essa cobertura assume as dimensões de um pórtico ou varanda, muitas vezes apoiadas sobre colunatas de ferro. A casa sobre porão alto – ou habitável – parece ser a de origem mais antiga. São deste gênero, no século XVIII, numerosas quintas portuguesas e alguns solares brasileiros, como a Casa do Conde dos Arcos, em Salvador. Na transposição para a fazenda, esse tipo de residência fidalga sofre a simplificação de praxe mas guarda a relação hierárquica entre o térreo e o piano nobile, o que o diferencia do sobrado, onde os dois pavimentos têm a mesma altura e geralmente servem, ambos, para habitação. O gosto pela casa térrea sobre porão baixo certamente se originou nas chácaras suburbanas, que se popularizaram durante o século XIX, e daí se espalhou tanto para o campo quanto para as cidades. Segundo A. C. da Silva Telles, *térreas foram, preponderantemente, as grandes casas urbanas dos barões do café, em Vassouras/RJ. Também nas fazendas a ausência do sobrado não significa, necessariamente, uma diminuição na importância do estabelecimento, como demonstra a Fazenda Santarém, em Bemposta/RJ. E se algumas das casas menores foram sedes secundárias de grandes proprietários rurais, construídas para serem ocupadas por seus filhos ou administradores, as outras respondem a um retraimento que os destinos da monocultura começavam a impor.*” (fotos 02 e 06).

A principal característica dessa categoria, como dito anteriormente, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Hoje, o que existe é uma escadaria de três lances levando a um vestíbulo de entrada, devido as suas características e localização, provavelmente se trata de uma intervenção posterior. Se em algum momento da história dessa fazenda existiu essa característica, não podemos afirmar. Não existe nenhum indício no local ou dados históricos sobre o assunto.

O acesso ao seu interior se dá através de cinco entradas distribuídas em vários cômodos. As duas entradas principais estão localizadas nas fachadas frontal e lateral direita.

Devido a sucessivas alterações, com o intuito de adaptá-la às necessidades de moradia e posteriormente à função hoteleira, não é possível uma leitura correta da configuração inicial da casa-sede. É clara a presença de acréscimos, feitos no decorrer da história da edificação. Tal afirmação é possível se analisarmos sua configuração em planta e também suas fachadas, notando que a referida sede foge do sistema de proporções, relação e ritmo estabelecido por uma arquitetura de base clássica.

Várias intervenções foram realizadas, como a execução de pinturas decorativas; acréscimos posteriores com a criação de novos compartimentos; execução de lajes de piso em concreto; demolição de alvenarias históricas e abertura de novos vãos.

Fronteiro à casa-sede, existe o remanescente do que foi, provavelmente, a antiga senzala, com várias intervenções que descaracterizam tanto sua configuração interna quanto as fachadas. Em frente a essa edificação, existia o terreiro de secagem do café. Hoje coberto por um gramado com detalhe de piso em pedra (f.70 e 71).

Os beirais da casa-sede estão descaracterizados, mantendo trecho com lambrequim na fachada frontal. No remanescente da antiga senzala estão, também, descaracterizados.

Os vãos de portas e janelas em madeira apresentam-se em verga reta, observados na casa-sede e nos remanescentes da antiga senzala, mantendo detalhe de sobreverga nas esquadrias localizadas na casa-sede. As janelas possuem tipos de esquadrias em venezianas, guilhotinas e folhas cegas. As portas são guarnecidas por esquadrias almofadadas com bandeiras; em madeira e vidro; em folhas cegas; em folhas cegas com bandeiras e no padrão de mercado.

Como elementos decorativos e ornatos que se destacam, há uma intervenção contemporânea com execução de detalhes nos pilares da varanda do porão da casa-sede.

A estrutura de madeira possui pilares de seção quadrada com embasamento em pedra e vedações em pau-a-pique. Não foi realizada prospecção que comprove essa técnica construtiva, mas a mesma foi constatada através do afloramento da estrutura autônoma de madeira; da alvenaria de embasamento em pedra aparente e de trecho da alvenaria de pau-a-pique, também aparente.

Os vãos de portas e janelas em madeira apresentam-se em verga reta, observados na casa-sede e nos remanescentes da antiga senzala, mantendo detalhe de sobreverga nas esquadrias localizadas na casa-sede. As janelas possuem tipos de esquadrias em venezianas, guilhotinas e folhas cegas. As portas são guarnecidas por esquadrias almofadadas com bandeiras; em madeira e vidro; em folhas cegas; em folhas cegas com bandeiras e no padrão de mercado.

Como elementos decorativos e ornatos que se destacam, há uma intervenção contemporânea com execução de detalhes nos pilares da varanda do porão da casa-sede.

A estrutura de madeira possui pilares de seção quadrada com embasamento em pedra e vedações em pau-a-pique. Não foi realizada prospecção que comprove essa técnica construtiva, mas a mesma foi constatada através do afloramento da estrutura autônoma de madeira; da alvenaria de embasamento em pedra aparente e de trecho da alvenaria de pau-a-pique, também aparente.



02



03



04



05



06



07



09



38



39



41



45



56



57



58



60



61



61



57



66



71

Foi observada intervenção contemporânea, com execução de detalhes nos pilares da varanda localizada no porão da casa-sede (f.01).

Há descaracterização de fachadas, com a abertura de janelas (f.01, 02, 03, 04 e 05) e construção de nova escada de acesso à casa-sede (f.06).

Notou-se o descolamento da pintura do forro, no quarto Q6 (f.12), bem como intervenção contemporânea, com a execução de pintura decorativa nas alvenarias de vários cômodos da casa-sede (f.41, 45, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62 e 63).

Existe passagem de tubulação de esgoto pelo tabuado e barrotes (f.50).

As instalações elétricas estão embutidas na alvenaria histórica da casa-sede, com a utilização de argamassa de cimento para fechamento de rasgo e, sem proteção, no porão da mesma.

Foram executados contrapisos em concreto e aterro manual, em vários cômodos da casa sede.

Na fundação da casa-sede notou-se a demolição da alvenaria de embasamento em pedra, na varanda localizada no porão (f.01), bem como a presença de manchas de umidade, com presença de bolhas e descascamento da pintura nesta mesma alvenaria de embasamento em pedra, causada pela diferença de nível existente entre o interior (porão) e o exterior (gramado), no quarto Q10 (f.52 e 53). Nos remanescentes da antiga senzala, percebeu-se a presença de pequenos vazios na alvenaria de embasamento em pedra, sem argamassa de consolidação (f.64).

Nas paredes de vedação da casa-sede, observou-se a construção e a demolição de várias alvenarias, com o fito de adaptá-la às necessidades atuais. Assim, não foi possível uma leitura correta da configuração inicial da casa-sede, sem a realização de trabalhos de prospecção nas alvenarias existentes. Foi notada a abertura de novos vãos de janela e transformações de janela para porta, bem como a presença de fissuras nas paredes dos quartos Q1, Q4 e Q6, na circulação C11, no lavabo L e, na sala de jantar SJ1 (f.07, 08, 09, 10, 21, 25, 36, 38, 39, 40, 45). Há manchas de umidade entre o peitoril da esquadria e o rodapé, no quarto Q5 (f.14); e próxima à ombreira da esquadria, na sala de estar SJ3 (f.17), bem como mancha de umidade ascendente na circulação C11 (f.20). Existe desarticulação das alvenarias na sala de estar SE3; na cozinha COZ; no quarto Q2 (f.16, 34, 42, 43) e; no salão SAL (f.31, 32). Foi notado o descolamento do reboco na sala de jantar SJ1 (f.37).

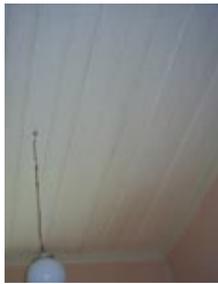
Foram construídas novas alvenarias em tijolo, para vedação dos remanescentes da antiga senzala e, bem como a substituição de muitas das alvenarias originais por alvenarias de tijolo.

Na cobertura da casa-sede há manchas proveniente de vazamentos de águas pluviais, no forro de madeira do quartos Q2, Q3, Q5 e Q6; na circulação C11, no lavabo LAV; nas salas de jantar SJ1 e SJ2; no salão SAL (f.11, 13, 15, 19, 22, 24, 26, 30, 35, 44). Há manchas de umidade descendente no salão SAL (f.27, 28, 33). No telhado dos remanescentes da antiga senzala, há trecho de beiral apodrecido (f.65); trecho de madeiramento extremamente deteriorado (f.67), além de tesouras com peças faltantes, como pernas, ou empenas, e escora, causando arqueamento da linha (f.68). Foi notada a substituição de telhas cerâmicas (canal) por outras do tipo padrão de mercado (f.67), bem como a presença de telhas quebradas.

Na estrutura de madeira da casa-sede observou-se a presença de fissuras, provavelmente devido ao apodrecimento do barroto localizado abaixo da porta, no *hall* H3 (f.18). Há sobrecarga da estrutura de madeira devido à execução de laje sobre barrotes, nos banheiros dos quartos Q1, Q2 e Q3 (f.23, 41). Foram substituídas peças de madeira originais por outras com menor seção estrutural, no porão (f.47, 48 e 49). Foram notadas manchas de umidade no tabuado e barroto, devido à infiltração de água causada pelo banheiro do quarto Q2, no quarto Q8 (f.51). Foi cortada peça estrutural de madeira, para abertura de vão de passagem, no acesso para circulação, quarto Q8 (f.54 e 55). Nos remanescentes da antiga senzala foi executada solução estrutural em concreto para trecho dos esteios apodrecidos (f.66), havendo, ainda, peças de madeira em avançado estado de deterioração.



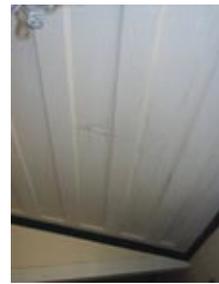
08



12



13



19



23



24



27



28



30



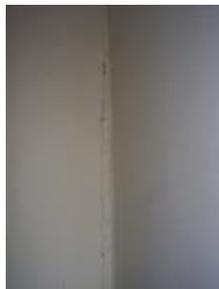
31



32



33



34



35



47



49



51



54



55



64



65



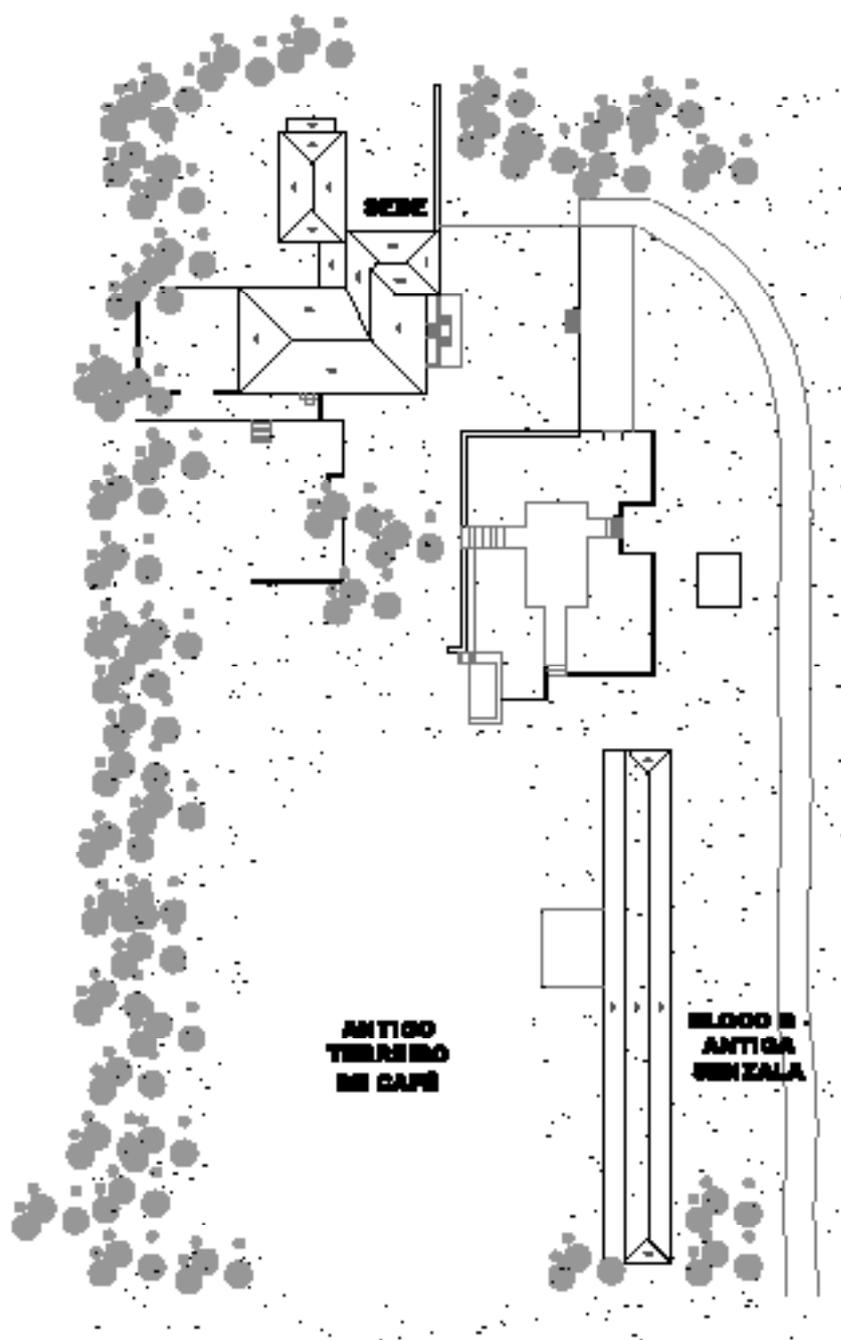
66



67

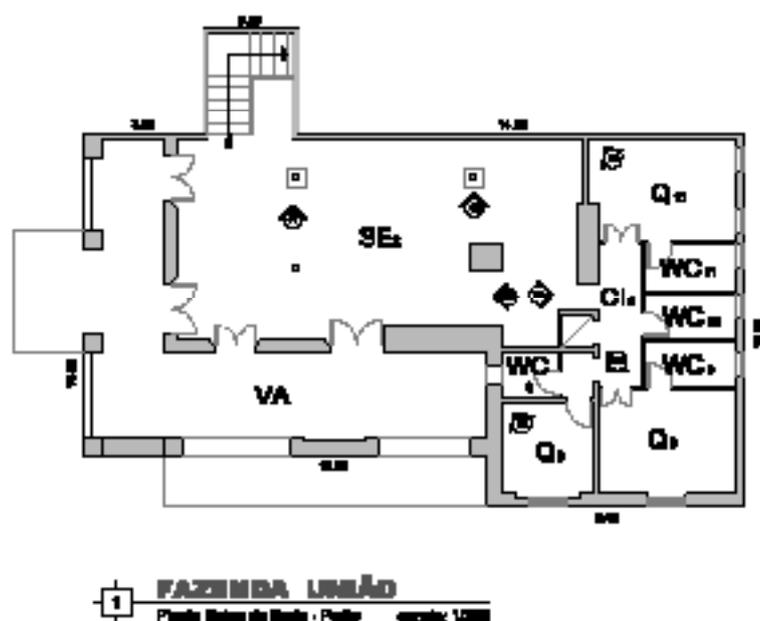
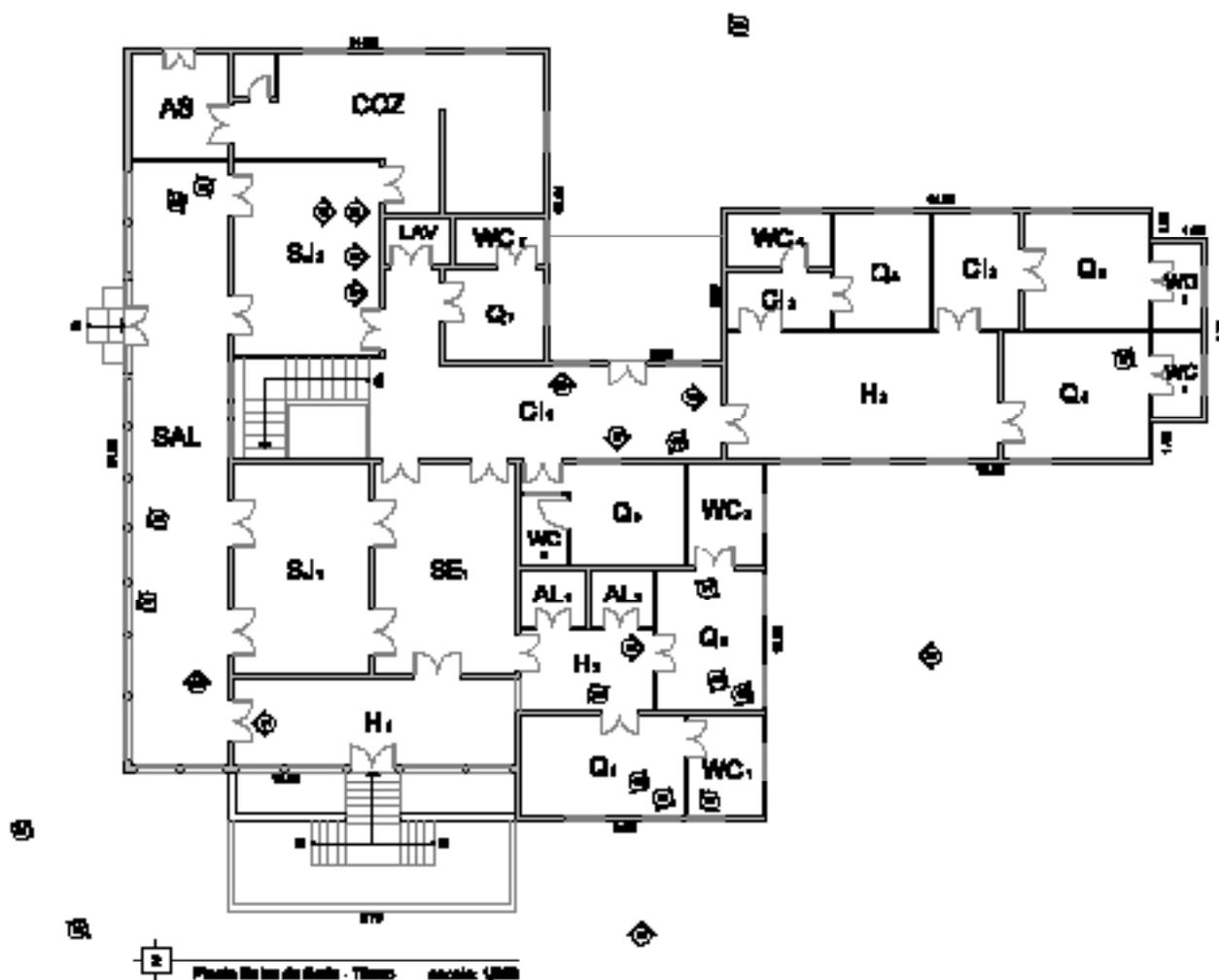
Observações:

1. O antigo terreno de café está representado de forma a indicar o parcelamento composto por uma sequência de linhas.



FAZENDA UNIÃO
 Planta de situação escala: 1/1000
 0 5 10 20 30

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		All - F12 - RF		1/2
autor:	desenho:	revisão:	data:	
Tânia N. Kashhecura/ Ana Vhian Bastista/ Paulo Ariel G. Dias	Tânia N. Kashhecura	Franciely Bousquet	nov 2007	



AL - alameda CI - sala de crianças H - hall Q - quarto SE - sala de estar VA - varanda
 AB - área de serviço COZ - cozinha LAV - lavanderia SAL - salão AJ - sala de jantar WC - banheiro

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

All - F12 - RF

2/2

escala:	autor:	arquiteto:	data:
Tânia N. Kashhecura/ Ana Vivian Barreto/ Paulo Ariel G. Dias	Tânia N. Kashhecura	Franciely Bouquet	nov 2007

A história da Fazenda União inicia-se em 1802, quando José Laureano do Amaral obteve por concessão uma sesmaria. Ficando durante 11 anos sem condições para explorar as terras, resolveu vendê-las, em 1813, para João Pereira Nunes, que também não produziu, não beneficiou nem plantou nada em seus campos.

Em 1814, o Capitão Bernardo Vieira e sua esposa, Dona Escolástica Maria de Jesus, compraram estas terras sem produção alguma e inexploradas. O casal então deu o nome de Fazenda do Paraíso à propriedade recém-adquirida.

Com o falecimento do Capitão Bernardo Vieira, em 1838, as terras da Sesmaria foram divididas em sete partes, dando origem às Fazendas União, Esperança, Sapucaia, São Luís, São Policarpo, Divisa e Sossego. Desta partilha de bens entre herdeiros, coube a José Vieira Machado e sua esposa, Dona Lina Laudegária Vieira e Souza, a Fazenda União. Em 05 de Setembro de 1853, a propriedade foi vendida para Antônio Pereira da Fonseca Júnior, que adquiriu, também, a Fazenda Esperança, unidas em uma só propriedade sob a denominação de “Saudades do Rio”.

Em 18 de Setembro de 1859, a fazenda retomou o seu antigo nome de União, através do Barão e, mais tarde, Visconde do Rio Preto, sendo esse o seu mais próspero e ilustre proprietário. Por causa de sua localização privilegiada, situada ao longo do caminho para as Minas Gerais, a fazenda tornou-se passagem e pouso obrigatório para viajantes, impondo-se como uma das mais concorridas, da então recém-fundada freguesia de Santa Teresa de Valença. O filho do Visconde do Rio Preto, o segundo Barão do Rio Preto (Domingos Custódio Guimarães Filho) recebeu, em 1867, a Fazenda União, tornando-se seu proprietário. Posteriormente, em 1873, o médico Camilo Bernardino Fraga e sua esposa, Dona Luíza Vieira da Cunha Fraga, tornaram-se seus proprietários. A abolição da escravatura, em 1888, acelerou o processo de decadência do ciclo e das fazendas de café.

Em 1901, a agora viúva Dona Luíza, enfrentando graves dificuldades financeiras, viu-se obrigada a hipotecar a fazenda a João Alves Montes. Em meados do ano de 1918, o Senhor Melchiades Augusto de Mourão Matos, que havia sido padre e abandonou o celibato para desposar Dona Olga Morgante Ferreira, comprou a propriedade, vendendo-a quatro anos mais tarde, em 1922, para José Rodrigues de Almeida e sua esposa Dona Prudência. O casal resolveu então mudar a atividade produtiva da fazenda para a criação do gado leiteiro, que em todo o Vale do Paraíba tornara-se a atividade econômica principal. A Fazenda União permaneceu com os herdeiros de José Rodrigues de Almeida até 1972, quando foi vendida para Vicente Crispin de Oliveira e Dona Filomena Faria de Oliveira.



Fazenda União (foto Adriano Novaes, 1985, Acervo Adriano Novaes)

Adquirido por João Manoel dos Reis Filho em 1992, o prédio centenário foi revitalizado e com a orientação para atender aos requisitos do conforto moderno, foram recuperados o telhado, os pisos, toda a estrutura em madeira e até seus porões. O entorno da secular sede recebeu um elaborado cuidado paisagístico, onde procurou-se preservar as árvores centenárias. O mobiliário foi então acrescido de peças de época, recuperadas e adquiridas em leilões, antiquários e incansáveis inserções pela região do Vale.

Mais tarde, João Manoel casou-se com Dona Rosalina Monteiro dos Reis e, no sentido de preservar e divulgar o estilo de vida e os costumes do nosso período imperial, sobretudo durante a fase do café no Vale do Rio Paraíba, o casal vem preservando as tradições e, para oferecer a hospitalidade e o provincianismo daquela época, transformaram a Fazenda União em um espaço de cultura e lazer.

Sem dúvida nenhuma a Fazenda União configura-se como uma fazenda-satélite ou, como alguns historiadores preferem, uma fazenda exclusivamente de trabalho. Sua arquitetura modesta comprova os fatos. Quando adquirida em 1873, pelo médico Camilo Bernardino da Fraga, a casa-sede passou por grande reforma com intuito de ampliá-la e dotá-la de conforto. Elementos artísticos comuns deste período foram acrescentados, como, por exemplo, lambrequins, varanda de entrada com vidros coloridos, papel de parede etc. Com a reforma recente, muitos desses elementos foram retirados além de outros, incorporados à antiga.

